



O Crepúsculo dos Deuses no Teatro S. Carlos

+ SUPLEMENTO IN'
A grande ópera regressa ao Teatro de São Carlos com *O Crepúsculo dos Deuses*

notícias sábado' 196

NIS'

**Especial
Design**

**A NOVA
GERAÇÃO DE
DESIGNERS POR-
TUGUESES**

**MUSEU
DO DESIGN
E DA MODA**

Visita guiada
por Francisco
Capelo

**O QUE É
O DESIGN**

**POLÉMICA
UM SÉCULO
DE INTRIGAS
ENTRE BELEM
E S. BENTO**

Guta Moura Guedes

«A Experimenta
é um espaço
de libertação»

Nova geração: celebrar o erro



De Gales a Itália

Joana Astolfi, de 34 anos, arquiteta (graduada com distinção pela Universidade do País de Gales), designer, artista plástica e uma das três sócias (a par de Christina Bravo e Filipa Almeida) da Associação Cultural Puppenhaus, empresa de eventos culturais de arte contemporânea. Astolfi foi convidada para integrar o projecto FABRICA (Centro de Pesquisa e Desenvol-

mento de Comunicação da Bonnetton), em Treviso, Itália, e ali desenvolveu, durante dois anos, projectos mistos de design, arte, vídeo, fotografia, artes plásticas e música. Em 2003, coordenou e concebeu no Museu Civico de Bassano del Grappa a mostra dedicada a António Canovas, colíbre escultor dos séculos XVIII e XIX, nomeada para o Prémio Nacional de Design Italiano.



Ao contrário dos espartilhos no *design*, o erro é para celebrar. Talvez por isso Joana Astolfi, uma das mais notáveis criadoras da sua geração, faz tudo por circular livremente entre a arte, o *design* e a arquitectura. O resultado é um trabalho único de autor

TEXTO TIAGO SALAZAR
FOTOGRAFIA REINALDO RODRIGUES

JOANA ASTOLFI começa por contrariar: «Citar beleza não é o meu objetivo final. Trabalho sempre com um conceito. Por vezes, interessa-me mais o processo e não o produto final. Quando começo o *design* de um produto ou uma exposição, um projecto de arquitectura, o mais importante é responder às perguntas: Qual a história que vou contar? Qual a verdade do espaço? Quais as restrições? Qual o *brief* que me foi passado? É a partir daí que crio o conceito.» Se for preciso, a *designer* acampa no local só para ver como o Sol nasce, como certa vez que se aviou na mercearia mais próxima e foi habitar um espaço devoluto. «Circular sempre sem muros entre o *design*, a arte e a arquitectura. É claro que num projecto de arquitectura tenho 157 mil restrições e meia e num projecto de arte tenho zero. Na arte não há certo e errado, perigos de medições à balda que depois não batam na vigia... Na arte, o erro é para celebrar.»

É certo que no *design* ou na arquitectura o cliente pode ser implacável. Quando o todo-poderoso diz *quero isto!*, Joana apresenta-lhe dez soluções. «Esse é o desafio, demonstrar ao cliente que existem várias hipóteses. Uma mesa pode ser uma porta em cima de dois cavaletes», diz. Este frenesi criativo herdou-o do pai, arquiteto e *designer*. «É o mundo em pessoa. Foi a minha maior escola de vida. Deu-me tudo, as ideias, o ensino, as viagens», conta. «Comecei por desenhá-lo, pintá-lo. Logo aos 3, 4 anos. Não pegava em bonecos. Tenho ideia de andar sempre com um bloquinho e lápis. Havia arte por todo o lado, mas só no curso de Arquitectura descobri a arte em três dimensões. Comecei a pensar no espaço com escadas, mobília e objectos. Partir do aeroporto para a caixa de fósforos. Sempre me interessou muito o antigo.»

«Estou mais ligada ao design que tem humor e já toca na arte: manipulações de objectos do quotidiano.»



O seu objectivo é estudar a origem das superfícies, texturas, a história dos espaços e dos objectos. «É impensável não criar a partir de um objecto que já existiu, que pode estar moribundo, que até pode estar morto, mas ressuscitá-lo. Uma espécie de regresso às origens, ao homem das cavernas», brinca. Joana Astolfi cada vez se identifica mais com o *design* que toca na arte. «Não sou filiada no *design* puro e duro na linha de Morrison ou Newson. Estou mais ligada ao *design* que tem humor, *twist*, e já toca na arte. Manipulações de objectos do quotidiano. Uma cadeira, provou-se ao longo da história do *design*, pode ser muita coisa. E a história nunca acaba de se contar.»

O *design* português existe ou é uma patente por registar? «Pode dizer-se que começa a ter a sua história. Pessoalmente, faço as minhas pesquisas mais fora de Portugal, no *design* holandês, por exemplo, por causa do humor e da coragem de arriscar. O humor português é unilateral. Goza com os outros mas não sabe ir de si próprio. E tem quase sempre medo de impor ideias. Há um *designer* português genial, o Brizio. Não há uma coisa que ele faça que não diga eureka!» Astolfi aponta o dedo aos problemas crónicos do burgo, a um certo conservadorismo e à pouca aposta das fábricas nos *designers*: «Corta a possibilidade de indústria. Não é um problema que eu tenha porque trabalho com os meus empreiteiros, marceneiros, senalheiros... Tenho uma equipa que produz tudo.»

Alheia a truculências, sempre em voos de borboleta, gosta mesmo é da ideia de que cada projecto é um problema diferente para resolver. «Gosto de usar o que é português e manipular as suas re-

ferências. Gosto do retorno à peça única, personalizada, desenhada à medida. É mais excitante para quem cria e para quem encomenda. Prefiro trabalhar para o indivíduo do que para as massas. Mas há criadores que modelam a peça já a pensar em produção de escala. Eu gosto mais do *customize*, do produto singular. É um facto que parece que estou sempre numa prova de obstáculos, mas escolhi o meu caminho. Podia ter ficado mais tempo em Treviso [Itália, onde integrou o projecto FABRICA, da Benneton]. No primeiro

ano fiz muito *exhibition design*, coordenei vários projectos. No segundo, o director da fábrica, Lorenzo, convidou-me para ficar responsável pela exposição do Canova [ver caixa na página 22]. Disse: «Tu formas, tu escolhes a equipa, nós só damos apoios.» É uma coisa impensável haver esta motivação quando ainda se está no arranque.» Joana Astolfi participa na Experimenta Design deste ano com a instalação *Once upon a Time in Ten Objects*, patente no seu atelier, na Rua das Salgadeiras, 32, em Lisboa. ■

Exposição provocatória

O manifesto das comissárias da Associação Cultural Puppenhaus para a exposição *A Beleza do Erro* é uma provocação. «Diriam os entendidos que, ao abrimos com um lugar-comum, um cliché usado até à exaustão, estamos a começar mal. A cometer um erro, portanto. Com esta exposição, queremos convidá-lo a celebrar o erro. O erro contra o qual se inventaram borrachas, apagadores, correctores e correctivos. Celebremos então o erro. Agradecemos ao erro, pois da relação com o seu amante acaso nasceram descobertas e progressos que marcaram a história. Aprendamos com o erro. Se todos temos a nossa própria ideia do erro, é inevitável queremos saber qual a dos outros. Por vontade de descobrir mais, de conhecer melhor, de partilhar este amor ao por menor, esta subtilidade da vida. E sim, se calhar até por uma certa dose de voyeurismo. Vamos partilhar em vez de esconder. Para tal, convidamos artistas a pensarem sobre o conceito do

erro e da beleza que nele pode existir. Todos demonstraram vontade em partilhar os seus falhanços, acidentes e consequentes descobertas. Se depois de visitar *A Beleza do Erro* não encaram os seus erros com um sorriso, é porque errámos em alguma coisa», concluem. João Louro, Daniel Malhão, Joana Vasconcelos, Miguel Palma, Vasco Araújo, Fernando Brizio, Pedro Garcia, Ricardo Cruz, Bertien van Marren (Holanda), Cecilia Ramirez-Corzo (México), Dana Wyse (Canadá), James Hopkins (Reino Unido), Maria Carmen Perlingero (Brasil), Sam Baron (França) e Nienke Klunder (EUA) foram alguns dos artistas que responderam à proposta da PuppenHaus, criada para divulgar a arte contemporânea. Criadores das áreas da fotografia, instalação, *design*, artes plásticas, vídeoarte e escultura – 17 portugueses e 13 estrangeiros – cujas obras, algumas inéditas, estão patentes na LX Factory até 24 de Outubro.